

Moçambique: Violência, Refugiados e o Campo de Luwani

Dezembro de 2016



Agradecimentos

A Freedom House agradece aos seus investigadores que recolheram dados na aldeia de Kapise e no Campo de Luwani em Outubro de 2016, bem como ao ACNUR pelo acesso aos locais de investigação. Também gostaríamos de expressar a nossa gratidão para com os residentes do campo que participaram no projecto e que demonstraram uma enorme coragem ao concordar em contar as suas histórias.

Índice

| | | |
|--------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. | Introdução | 2 |
| 1.1. | Contextualização | 2 |
| 1.1.1. | Contextualização sobre os deslocados moçambicanos no Malawi | 2 |
| 2. | Propósito e metodologia de avaliação | 4 |
| 2.1. | Objectivo da avaliação | 4 |
| 2.2. | Metodologia | 5 |
| 2.2.1. | Investigação quantitativa | 5 |
| 2.2.2. | Investigação qualitativa | 6 |
| 2.3. | Limitações..... | 7 |
| 3. | Conclusões | 7 |
| 3.1. | Perfis dos residentes do Campo de Luwani | 8 |
| 3.2. | Indicador: Determinar a extensão das violações de direitos humanos que foram/estão a ser cometidas contra moçambicanos em determinadas áreas de Moçambique..... | 9 |
| 3.2.1. | Por que razão e em que altura é que os deslocados deixaram as suas aldeias em Moçambique | 9 |
| 3.2.2. | Que tipos de agressão/violência/ameaças, se for o caso, foram levadas a cabo contra pessoas deslocadas ou as suas famílias | 11 |
| 3.2.3. | Se as pessoas deslocadas ouvirem falar de outros ataques | 11 |
| 3.2.4. | Se os ataques visados foram levados a cabo por autores específicos contra grupos específicos. | 15 |
| 3.2.5. | Datas dos incidentes..... | 18 |
| 3.2.6. | Pontos de vista sobre o campo, o deslocamento e o potencial de regresso a Moçambique...19 | |
| 4. | Resumo das conclusões..... | 21 |
| | Anexo de tabelas | 22 |

Lista de gráficos

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura N.º 1. Discriminação etária dos adultos no Campo de Luwani..... | 7 |
| Figura N.º 2. Discriminação étnica dos adultos no Campo de Luwani | 7 |
| Figura N.º 3. Discriminação por distrito da província de Tete dos adultos no Campo de Luwani..... | 8 |
| Figura N.º 4. Calendário de quando os residentes de Luwani deixaram as suas aldeias | 9 |
| Figura N.º 5. Tipos de atrocidades nas aldeias..... | 11 |
| Figura N.º 6. Tipos de atrocidades nas histórias que circulam sobre os ataques | 13 |
| Figura N.º 7. Autores dos ataques | 14 |
| Figura N.º 8. Retórica prevalente durante os ataques | 16 |
| Figura N.º 9. Momento dos ataques experienciados | 16 |

Lista de fotos

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Foto N.º 1 Entrada para o Campo de Luwani, Outubro de 2016 | 1 |
| Foto N.º 2 Aldeia de Kapise, perto da fronteira entre Moçambique e o Malawi, Outubro de 2016..... | 3 |
| Foto N.º 3 Campo de Luwani, Outubro de 2016 | 3 |
| Foto N.º 4 Tendões no Campo de Luwani, Outubro de 2016 | 3 |
| Foto N.º 5 Marcador da fronteira entre Moçambique e o Malawi, perto Kapise, Outubro de 2016. | 18 |

Lista de caixas de texto

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------|---|
| Caixa de Texto N.º 1. Campo de Kapise, Campo de Luwani e aldeia de Kapise..... | 3 |
| Caixa de Texto N.º 2. A escolha de ficar na aldeia de Kapise..... | 4 |
| Caixa de Texto N.º 3. A difícil situação de uma adolescente..... | 6 |
| Caixa de Texto N.º 4. De um rapto ao campo..... | 7 |

Lista de mapas

| | |
|---------------------------------------------------------------------------|---|
| Mapa 1. Província de Tete (Moçambique) e o Campo de Luwani (Malawi). | 4 |
|---------------------------------------------------------------------------|---|

Lista de tabelas

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1. Visão geral das entrevistas com informadores-chave e discussões com grupos de foco..... | 7 |
| Tabela N.º 2. Tipos de ataques pessoais/a familiares nos principais distritos de Tete..... | 22 |
| Tabela N.º 3. Visão geral dos bens alimentares distribuídos no Campo de Luwani..... | 22 |

Acrónimos

| | |
|----------------|--------------------------------------------------------|
| ACNUR | Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados |
| DGF | Discussão em grupo de foco |
| EIC | Entrevista a informador-chave |
| Frelimo | Frente de Libertação de Moçambique |
| MDM | Movimento Democrático de Moçambique |
| Renamo | Resistência Nacional Moçambicana |

Sumário executivo

Este relatório analisa a violência e os conflitos que se têm vindo a desenrolar em Moçambique, levando a que um enorme número de moçambicanos, predominantemente oriundos da província de Tete, fugisse para o país vizinho, o Malawi. Os resultados desta investigação advêm de discussões com grupos de foco, entrevistas a informadores importantes e um inquérito representativo aos adultos residentes no Campo de Refugiados de Luwani no Malawi. Também se baseiam em entrevistas realizadas na aldeia de Kapise, a primeira localização do campo de refugiados do ACNUR para deslocados moçambicanos deste conflito específico (Campo de Kapise). Durante esta investigação, havia pouco mais de 2300 moçambicanos a viver no Campo de Luwani, um número inferior aos 10 000 que atravessaram inicialmente a fronteira para o Campo de Kapise. Foram vários os temas e conclusões que emergiram desta investigação, cada um dos quais foi discutido e resumido neste relatório.

Os habitantes do campo introduziram temas-chave: a percepção de serem visados pelas forças do governo; o uso de assassinatos e outras formas de violência com o intuito de enviar mensagens e gerar medo; a percepção de que soldados da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, o partido político dominante) visavam habitantes das aldeias quando perdiam confrontos com a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo, o principal partido da oposição), por desejo de compensar os combates ganhos pela oposição, ou para punir os seus simpatizantes (alegados ou reais); e as atitudes positivas, ainda que cautelosas, em relação ao próprio Campo de Luwani.

Os dados indicam que os adultos residentes no Campo de Luwani são todos moçambicanos — com a excepção de quatro mulheres casadas com homens moçambicanos — que deixaram Moçambique por terem sido directamente visados pela violência de soldados da Frelimo. Oitenta e cinco por cento vinham de Tete e, dentro destes, aproximadamente metade vinham do distrito de Moatize. A esmagadora maioria dos residentes (98%) fugiu do país especificamente por razões "políticas" e um grande número dos mesmos passou por um ou mais de três tipos de acontecimentos/sentimentos: ataques pessoais/familiares (53%), ataques gerais à sua aldeia natal (88%) ou medo de ataques com base no que ouviram de vizinhos e amigos (96%). Entre 86% e 89% dos inquiridos (dependendo do tipo de ataque) indicaram que os autores dos três tipos de ataques foram soldados da Frelimo.

Os residentes revelaram ter deixado Moçambique em períodos diferentes, com ataques a ocorrerem ao longo de 2014, 2015 e 2016. Cerca de metade dos ataques (53%) ocorreu em 2015. Da metade que sofreu ataques pessoais/familiares, a sua maioria (72%) indicou que o tipo dominante de violência dirigida a si ou à sua família foram "assassinatos". Os restantes tipos de violência consistiram em



Foto 1. Entrada para o Campo de Luwani, Outubro de 2016.

incêndios (de casas, armazéns e pessoas), espancamentos, violência sexual, raptos, separação familiar e tiroteios. Oito em 10 habitantes (83%) revelaram ter ouvido falar deste tipo de ataque a outras pessoas. As respostas à pergunta sobre se os autores dos ataques visavam todos os tipos de moçambicanos nas aldeias (43%) ou especificamente adeptos/simpatizantes da Renamo (alegados ou reais) (44%) foram mistas. Quase todos os residentes (95%) reconheceram sentir-se mais seguros no Campo de Luwani, mas o acesso a alimentos e a emprego

continuam a ser um desafio. A maioria (71%) indicou ter vontade de regressar a Moçambique no futuro, mas somente após a assinatura de um acordo de paz formal entre a Frelimo e a Renamo.

1. Introdução

A Freedom House é uma organização independente de vigilância dedicada à expansão da liberdade e da democracia à volta do mundo. Analisamos os desafios à liberdade, advogamos por maiores direitos políticos e liberdades civis e apoiamos activistas na linha da frente que defendem os direitos humanos e promovem a mudança democrática. Fundada em 1941, a Freedom House foi a primeira organização americana a defender o avanço da liberdade à escala global. Reconhecemos que a liberdade só é possível em ambientes políticos democráticos, em que os governos são responsáveis perante a população; o estado de direito prevalece; e as liberdades de expressão, associação e crença, bem como o respeito pelos direitos das minorias e das mulheres, estão garantidos. A Freedom House actua como um catalisador para maiores direitos políticos e liberdades civis, através de uma combinação de análise, advocacia e acção. As nossas investigações e análises contribuem para estruturar o debate político no mundo sobre o progresso e o declínio da liberdade.

Defendemos a liderança dos EUA, bem como a sua colaboração com governos que partilham as mesmas opiniões, na oposição vigorosa a ditadores e à opressão. Amplificamos as vozes daqueles que lutam pela liberdade em sociedades repressivas e contrariamos os esforços autoritários para enfraquecer o escrutínio internacional dos seus regimes. Também capacitamos os defensores dos direitos humanos e activistas cívicos na linha de frente na defesa dos direitos fundamentais e no avanço da mudança democrática.

1.1. Contextualização

1.1.1. Contextualização sobre os deslocados moçambicanos no Malawi

Em Março de 2016, o Malawi voltou a abrir o Campo de Refugiados de Luwani para acolher o fluxo de deslocados moçambicanos que fugiam do país devido à alegada violência levada a cabo contra si nas suas comunidades.¹ Segundo notícias de 2015 e 2016, os habitantes das aldeias fugiam do país devido ao conflito de longa data entre a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, o partido político dominante) e a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo, o principal partido da oposição).² As tensões entre os partidos começaram a aumentar em 2013, em antecipação da eleição presidencial de 2014, e continuaram a agravar-se desde então. No início, os refugiados atravessaram a fronteira para o Campo de Kapise devido à sua proximidade com a fronteira entre Moçambique e o Malawi (Caixa de

¹O Campo de Luwani esteve activo nas décadas de 70, 80 e 90, durante as duas guerras consecutivas em Moçambique.

²Quando obteve a independência de Portugal em 1975, Moçambique voltou a cair num conflito entre as forças da Frelimo e da Renamo até ao acordo de paz de 1992. Actualmente, há várias províncias no centro do país que estão a experienciar vários tipos de violência atribuída, em parte, à animosidade de longa data entre os partidos, às supostas discrepâncias nas eleições presidenciais de 2014 e às acusações da Renamo de que uma elite da Frelimo enriqueceu à custa do país. Para mais informações sobre as alegações relacionadas com o conflito em Tete, consulte *Mozambicans Flee as Renamo and Frelimo Face Off*, 18 de Abril de 2016, disponível em <http://clubofmozambique.com/news/11736/>. *Growing Number of Mozambicans Flee to Malawi*, 16 de Março de 2016, www.unhcr.org/news/latest/2016/3/56e91b486/growing-number-mozambicans-flee-malawi.html.

Texto N.º 1). Actualmente, o Campo de Luwani acolhe mais de 2300 moçambicanos. Apesar de organizações como o ACNUR, World Vision, Plan International, World Food Program, Care, Jesuit Refugee Service e Save the Children terem sido fundamentais na supervisão do campo e na distribuição de recursos, até ao momento ainda não se realizou uma documentação precisa e sistemática dos acontecimentos no terreno.³ Esta investigação pretendeu preencher esta lacuna, documentando e avaliando as causas da migração (que parte predominantemente da província de Tete), histórias dos acontecimentos (violência) em Moçambique e se ocorreram/continuam a ocorrer abusos de direitos humanos.



Foto N.º 2. Aldeia de Kapise, perto da fronteira entre Moçambique e o Malawi, Outubro de 2016.



Foto N.º 4. Tendas no Campo de Luwani (há outras zonas no campo com casas sólidas), Outubro de 2016.

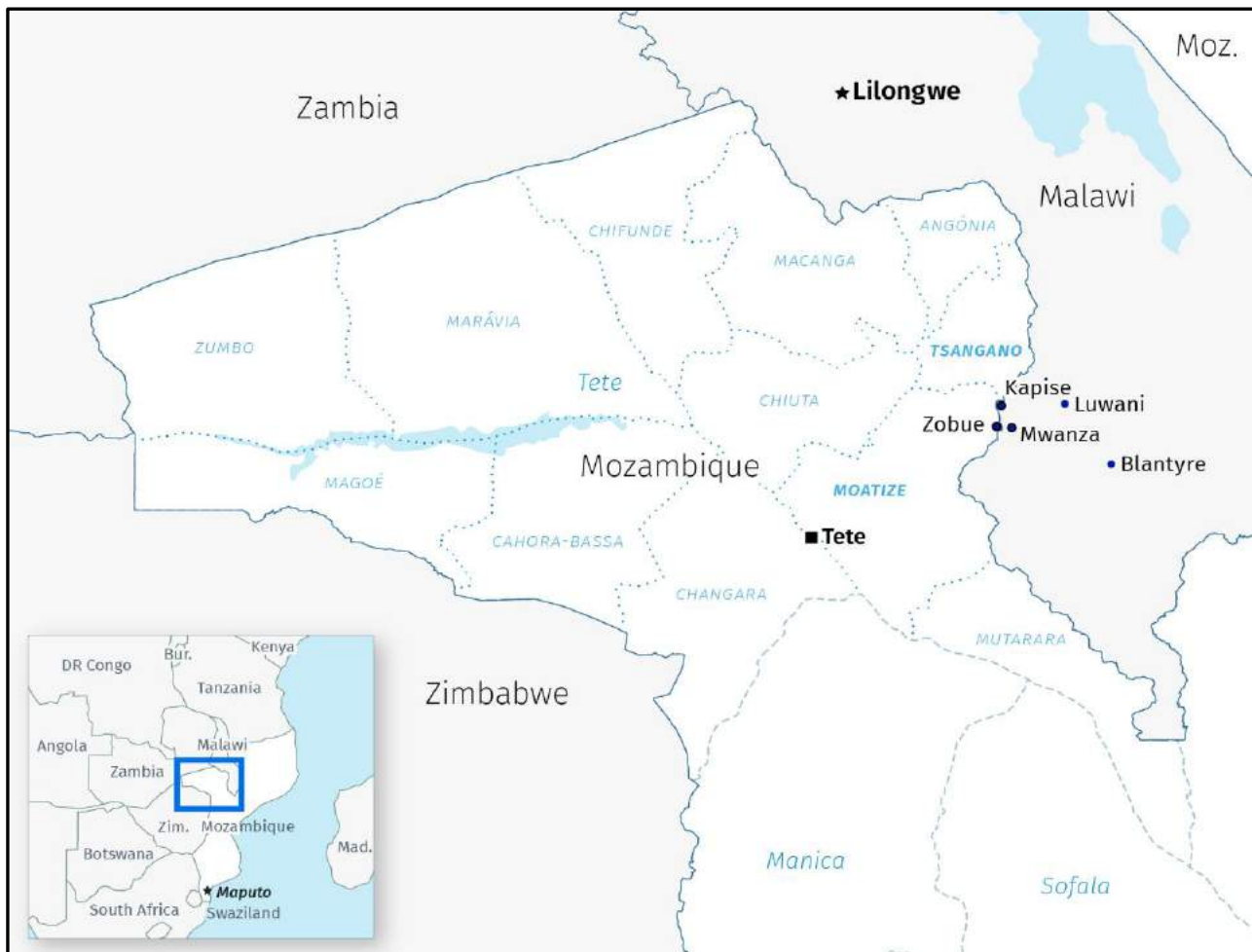
Caixa de Texto N.º 1. Campo de Kapise, Campo de Luwani e aldeia de Kapise

No início de 2016, havia aproximadamente 10 000 refugiados no **Campo de Kapise**, apenas a 5 km da fronteira entre Moçambique e o Malawi (ver mapa na próxima página). Devido a esta proximidade geográfica, o ACNUR realojou os refugiados no **Campo de Luwani** para lhes proporcionar um local mais seguro, a 65 km da fronteira. No entanto, nem todos decidiram mudar-se. Alguns preferiram regressar a Moçambique ou ficar na **aldeia de Kapise**. Actualmente, vivem na aldeia pouco menos de 100 moçambicanos, que ocupam 35 habitações.



Foto N.º 3. Campo de Luwani: à direita, os destroços das fundações do antigo acampamento de Luwani provocados pela guerra civil, ao lado das tendas dos recém-chegados do conflito à esquerda, Outubro de 2016.

³Para um relatório sobre as questões, consulte *Mozambique: Mass Flight Over Reported Army Abuses*, Human Rights Watch, 22 de Fevereiro de 2016, disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2016/02/23/287145>. A Plan foca-se nos direitos humanos, na protecção das crianças, violência sexual e de género e em pessoas com necessidades especiais. A World Vision trabalha em parceria com o ACNUR na distribuição de alimentos. A Care constrói casas e áreas onde os deslocados podem cultivar. O Jesuit Refugee Service centra-se na educação e nas escolas, bem como em serviços psicossociais. A Save the Children terminou o seu programa de água e saneamento em Setembro de 2016, mas ainda está a trabalhar com questões nutricionais até Dezembro (com base numa discussão com membros da equipa do ACNUR).



Mapa N.º 1. A província de Tete (Moçambique) e o Campo de Luwani (Malawi).

2. Propósito e metodologia de avaliação

2.1. Objectivo da avaliação

Em Março de 2016, o Malawi voltou a abrir o Campo de Refugiados de Luwani. Antes deste projecto de investigação, a falta de acesso a provas da violência cometida contra os habitantes da província de Tete, bem como a falta generalizada de informação sobre os acontecimentos, dificultaram a avaliação da verdadeira dimensão do conflito actual e dos ataques enfrentadas pelos civis. Como tal, esta investigação teve como principais objectivos:

- Determinar a extensão das violações dos direitos humanos que foram/estão a ser cometidas contra moçambicanos em determinadas áreas de Moçambique; e
- Divulgar amplamente informação sobre as violações dos direitos humanos, para aumentar o grau de sensibilização sobre esta crise e encontrar soluções duradouras.

As ferramentas qualitativas e quantitativas utilizadas neste projecto basearam-se em objectivos específicos, procurando apurar:

- Por que razão e em que altura é que os deslocados deixaram as suas aldeias em Moçambique;
- Que tipos de agressão/violência/ameaças, se for o caso, foram levadas a cabo contra pessoas deslocadas ou as suas famílias;
- Se as pessoas deslocadas ouviram falar de outros ataques;
- Se os ataques foram levados a cabo por autores específicos contra grupos específicos;
- As datas dos incidentes; e
- Pontos de vista sobre o campo, o deslocamento e o potencial de regresso a Moçambique.

2.2. Metodologia

A recolha de dados teve lugar no Campo de Luwani entre 5 e 19 de Outubro de 2016 e foi levada a cabo por uma equipa de investigação da Freedom House composta por 10 enumeradores quantitativos, dois supervisores quantitativos, dois investigadores qualitativos e dois gestores de investigação seniores. Os funcionários do ACNUR actuaram como “guardiões” para a obtenção de aprovações em Luwani e Kapise. Antes da entrada em campo, realizou-se uma análise da documentação disponível, incluindo os antecedentes das pessoas deslocadas, ferramentas de investigação utilizadas até então em campos de refugiados e artigos de notícias disponíveis. O trabalho de campo foi maioritariamente levado a cabo em chichewa, sendo que as respostas foram traduzidas para inglês.

2.2.1. Investigação quantitativa

O Campo de Luwani tinha menos residentes do que as estimativas iniciais da comunicação social indicavam, que sugeriam a transferência de cerca de 10 000 migrantes do Campo de Kapise.⁴ A actual população de Luwani, aquando da investigação, eram aproximadamente 2351 pessoas (886 das quais eram adultos com mais de 18 anos). Com base nos números populacionais, o ACNUR estimou que o número total de habitações ocupadas com adultos com mais de 18 anos eram aproximadamente 608.⁵ Com base nestes dados populacionais e na informação sobre a disposição do campo apurada pelas visitas iniciais ao campo, e para garantir uma margem de erro inferior a 2,5%, foram realizadas 469 observações no terreno no âmbito da investigação quantitativa. Esta amostra foi estruturada como uma amostra de conglomerados em dois estágios. Com base nos dados disponíveis (combinação de imagens, mapas e estatísticas do ACNUR), as subdivisões pré-determinadas (12 unidades geográficas conhecidas como aldeias do campo) serviram como conglomerados para o primeiro estágio de amostragem. Estes conglomerados possuíam diferentes números populacionais em relação à população-alvo de adultos com mais de 18 anos e foram amostrados adequadamente, com probabilidade proporcional à dimensão da população das aldeias.

⁴ *Malawi Moves 10,000 Mozambique Asylum Seekers to Camp*, VOA News, 18 de Abril de 2016, disponível em: <http://www.voanews.com/a/malawi-moves-mozambique-asylum-seekers-to-camp/3291751.html>. Um funcionário do ACNUR indicou que nunca houve mais de 2500 habitantes no Campo de Luwani. O sentimento predominante é de que foram transferidas 10 000 pessoas, mas a realidade é que muitos escolheram regressar a Moçambique ao invés de ir para Luwani. Houve poucas ou nenhuma notícia da comunicação social sobre o número real de refugiados transferidos.

⁵ Muitas das habitações actualmente ocupadas abrigam crianças com menos de 18 anos, porque moram frequentemente ao lado dos pais ou responsáveis.

Na segunda fase, foram seleccionados agregados familiares dentro de cada aldeia através de uma amostragem sistemática aleatória.⁶ No total, foram planeadas 486 entrevistas, 469 das quais foram efectivamente levadas a cabo. A concepção da amostra excedeu deliberadamente a dimensão de amostra necessária para uma margem de erro de 2,0, para que quaisquer dados perdidos por falta de resposta ou limpeza de dados não afectassem a confiança geral na análise. Com base num efeito de concepção assumido de 1,5, a dimensão da amostra final teve uma margem de erro de entre 2,0 e 2,5, com um nível de confiança de 95%, para as principais variáveis de interesse. A principal vantagem da amostragem por probabilidade proporcional à dimensão da população é que a amostra é autoponderável e a análise não exige a construção ou o uso de ponderadores de amostragem. Devido a dificuldades logísticas (transporte e outras questões, a ver em baixo) durante o trabalho de campo, o número de entrevistas concluídas em cada subdivisão do campo não correspondeu exactamente ao número de entrevistas alocado a cada uma. Os ponderadores de amostragem foram construídos de forma a ter em conta uma ligeira disparidade entre entrevistas planeadas e entrevistas concluídas por subdivisão, caso indivíduos da mesma aldeia ou distrito se tivessem agrupado em subdivisões do campo.⁷ Para cada agregado familiar, o ponderador é igual ao inverso da sua probabilidade de selecção, tendo em conta o número de entrevistas concluídas e a população subjacente de agregados familiares em cada subdivisão do campo. As entrevistas duraram aproximadamente 30 minutos e foram levadas a cabo cara a cara, utilizando smartphones com o software Askia para reduzir a margem de erro humano em comparação com os métodos tradicionais de investigação com papel e caneta. Os dados são representativos da população adulta que residia no campo na altura da investigação.

2.2.2. Investigação qualitativa

Para complementar os dados quantitativos, foram recolhidos dados qualitativos dos residentes do campo de refugiados e dos seus funcionários. Para as entrevistas qualitativas, foram propositadamente recrutados participantes da aldeia de Kapise para duas entrevistas com informadores-chave (EIC) e do Campo de Luwani para duas EIC e cinco discussões com grupos de foco (DGF) com base na sua capacidade de apresentar uma gama diversificada de opiniões relevantes sobre os refugiados e o seu estatuto. As DGF foram desagregadas por idade e género e incluíram quatro a oito participantes (Tabela N.º 1). Os participantes foram entrevistados com recurso a um guião semiestruturado, que pretendia recolher impressões sobre o campo e tópicos como: ataques que serviram como pontos de foco para os membros da comunidade, razões-chave para o deslocamento, autores dos ataques e acontecimentos. Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente de várias aldeias do campo.

⁶Foi utilizada amostragem aleatória para seleccionar as famílias para a investigação numa tentativa de tornar os inquéritos tão representativos (ou seja, livres de vieses) quanto possível, apesar da pequena dimensão da amostra.

⁷Em alguns campos, os refugiados agregam-se em espaços com antigos vizinhos ou amigos. Não há provas de que tal tenha ocorrido sistematicamente em Luwani, mas foi tomada esta precaução para evitar este tipo de viés potencial.

Tabela 2. Visão geral das entrevistas com informadores-chave e discussões com grupos de foco

| Tipo | Entrevistado(s) | Data |
|------|-----------------------------------------------------------------------|-----------------|
| EIC | Residente do Campo de Luwani | 10 Outubro 2016 |
| | Líder comunitário de Kapise | 12 Outubro 2016 |
| | Residente de Kapise (que não se mudou para Luwani) | 12 Outubro 2016 |
| | Membro da equipa do ACNUR | 13 Outubro 2016 |
| DGF | Mulheres até 30 anos | 5 Outubro 2016 |
| | Mulheres com mais de 30 anos | 10 Outubro 2016 |
| | Ex-líderes comunitários (género masculino e feminino) | 11 Outubro 2016 |
| | Jovens do género masculino não acompanhados (17-19 anos) ⁸ | 11 Outubro 2016 |
| | Residentes do género masculino recém-deslocados, com 30 ou menos anos | 12 Outubro 2016 |

2.3. Limitações

Limitações logísticas relacionadas com o transporte, um feriado nacional, a incapacidade de realizar trabalho de investigação no campo sem funcionários do ACNUR presentes no centro de recepção e a distribuição agendada de alimentos atrasaram o fim dos trabalhos no terreno, que se pretendia terem sido concluídos em três dias. A população de interesse da investigação é composta por adultos do Campo de Luwani. Como tal, o relatório não analisa as experiências de Moçambicanos que não vieram para o campo ou que não viviam no mesmo durante a investigação.

3. Conclusões

Esta secção ilustra a demografia e as conclusões dos seis objectivos acima mencionados e discute cada um dos mesmos em separado.

⁸A meta inicial de realizar DGF com jovens não acompanhados com idades compreendidas entre 14-17 anos não foi possível porque a maioria dos jovens no campo veio com familiares, o que indica uma chegada em grupo, ao invés de sozinhos.

3.1. Perfis dos residentes do Campo de Luwani

Todos os participantes da investigação e dos grupos de foco eram moçambicanos e não houve qualquer relato de malawianos a viver sozinhos em Luwani.⁹ Seis em 10 adultos residentes no campo eram do sexo feminino (59 % mulheres, 41% homens). Cada agregado familiar tinha em média aproximadamente quatro residentes. A maioria dos inquiridos tinham idades compreendidas entre 20 e 40 anos (Figura N.º 1). Três quartos eram de etnia chewa (Figura N.º 2). Oitenta e cinco por cento dos adultos vinham da província de Tete.¹⁰ Daqueles oriundos de Tete, cerca metade eram do distrito de Moatize (Figura N.º 3, na página seguinte).

Figura N.º 1. Discriminação etária dos adultos no Campo de Luwani (%)

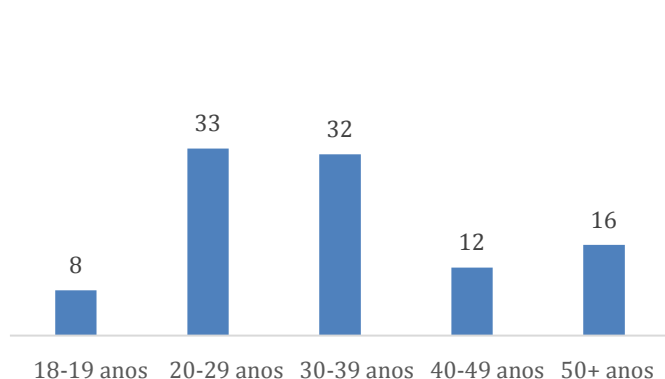
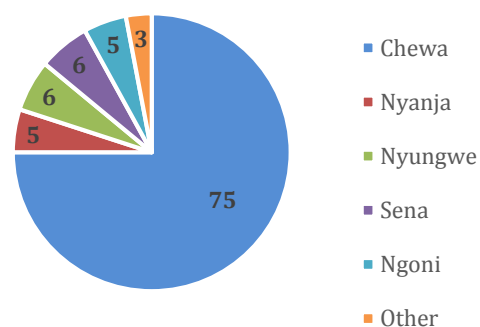


Figura N.º 2. Discriminação étnica dos adultos no Campo de Luwani (%)

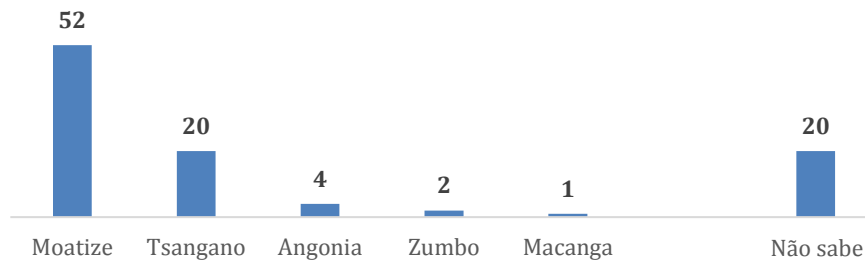


Fonte: Sondagem da Freedom House, Outubro de 2016

⁹ Houve dois relatos de moçambicanos com cônjuges do Malawi, mas estes casais tinham sido deslocados de Moçambique. Os funcionários do ACNUR reportaram haver quatro mulheres do Malawi casadas com homens moçambicanos no campo.

¹⁰ Dos 15% que não vinham de Tete, a discriminação provincial era a seguinte: Zambézia (21%), Gaza (5%) e menos de 3% cada de Manica, Maputo, Nampula e Sofala. Sessenta e seis por cento responderam com "não sei". Esta resposta, aliada ao elevado índice de respostas "não sei" para de que distrito de Tete o entrevistado vinha, parece indicar que alguns moçambicanos não se identificam com limites administrativos.

Figura N.º 3. Discriminação por distrito da província de Tete dos adultos no Campo de Luwani
(Daqueles que responderam que eram de Tete, %)



Fonte: Sondagem da Freedom House, Outubro de 2016

3.2. Indicador: Determinar a extensão das violações de direitos humanos que foram/estão a ser cometidas contra moçambicanos em determinadas áreas de Moçambique.

3.2.1. Por que razão e em que altura é que os deslocados deixaram as suas aldeias em Moçambique

A esmagadora maioria dos residentes do Campo de Luwani (98%) alegou ter deixado a sua aldeia natal em Moçambique por razões políticas (por oposição a razões sociais, económicas, ambientais ou de outro tipo). Aproximadamente metade (53%) dos residentes alegou ter sido *pessoalmente atacado nas suas aldeias ou ter familiares que sofreram ataques* (47% dissera que não foi o caso). **Nove em 10 (88%) disseram que a aldeia onde vivem foi atacada.**¹¹ Daqueles que não foram atacados pessoalmente, quase todos (96%) disseram ter deixado Moçambique por receio de eventuais ataques.

A maioria dos residentes do campo vinham dos distritos de Moatize e Tsangano, em Tete, e alegaram altos níveis de ataques mortais, ataques não-mortais, ataques que incluíam incêndios e violência sexual (Tabela N.º 1, em anexo). Nestes quatro distritos, a violência foi relativamente uniforme, tendo os quatro distritos experienciado os quatro tipos de violência em causa. Foram todos reportados como tendo taxas bastante elevadas de assassinatos.

Na generalidade, os inquiridos qualitativos indicaram que a maior parte dos ataques começou com a disputa das eleições presidenciais de Outubro de 2014.¹²

¹¹ Destes, 51% disseram que a sua aldeia foi completamente destruída (44% disseram parcialmente).

¹² O levantamento de dados deste projecto indica que alguns dos ataques ocorreram antes das eleições (consulte a secção Dados dos Incidentes no final deste relatório). Após as eleições de 2014, os observadores internacionais consideraram-nas livres, transparentes e justas, mas a Renamo e o MDM (Movimento Democrático de Moçambique) instaram o Conselho Constitucional e a Comissão Nacional de Eleições a anular as eleições, trazendo à luz irregularidades no processo (discrepâncias no número de eleitores registados e intervenções policiais em determinadas áreas). A comissão votou contra o pedido e, em Dezembro de 2014, declarou Filipe Nyusi vencedor. Consultar *Freedom in the World*, Freedom House, disponível em <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2015/mozambique>. Desde então, o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, ameaçou tomar seis províncias nas quais alega ter vencido.

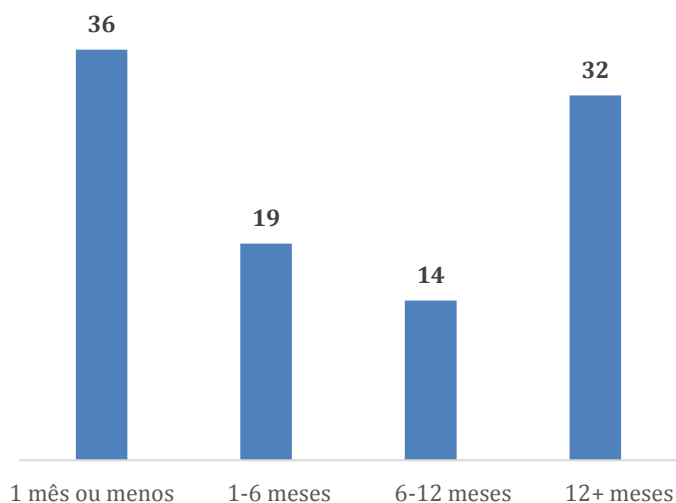
"Os soldados da Renamo apareceram na nossa aldeia e asseguraram-nos de que estavam ali para impor a democracia no país e não para nos matar ou exigir algo de nós, dizendo que estavam só a aplicar a regra democrática no país. Os soldados da Renamo ficaram lá quase dois anos, até os confrontos começarem." (Mulher, 41 anos, de Moatize)

Nos grupos de foco e entrevistas, quase todos os participantes reportaram terem saído de Moçambique porque se sentiram visados por soldados da Frelimo através de ameaças, agressões, incêndios e violações ou outras formas de violência sexual.¹³ As suas histórias são amplamente discutidas na próxima secção.

Aproximadamente um terço dos residentes do campo tinha deixado a sua aldeia natal recentemente (Figura N.º 4).¹⁴ As chegadas recentes de Tete indicaram que os indivíduos tentaram ficar em Moçambique até terem tomado total consciência da extensão da ameaça e de terem fugido:

Figura N.º 4. Há quanto tempo os residentes de Luwani deixaram as suas aldeias

P: Há quanto tempo é que a sua família deixou a sua aldeia em Moçambique? (Aberta, %)



Fonte: Sondagem da Freedom House, Outubro de 2016

"Achámos que aquilo que estava a acontecer era uma brincadeira porque não estava a acontecer na nossa aldeia. Mas depois chegou a nossa vez e, de repente, era a nossa realidade, e foi por isso que tivemos de ir à procura de refúgio no Malawi." (Homem, 24 anos, de Moatize)

"Refugiámo-nos no mato onde havia cemitérios", mas "cansámo-nos de correr de um lado para o outro, por isso decidimos refugiar-nos noutra lugar." (Homem, 27 anos, de Moatize)

"No início, quando os confrontos começaram, íamos para o mato mais próximo, refugiávamo-nos lá e depois voltámos à aldeia. E isto era um processo contínuo." (Homem, 19 anos, de Ncondezi)

"Numa dada noite, ouvimos tiros e explosões, até vimos fogo, e ficou claro que estavam a incendiar casas. Por isso, fugimos. Demorámos quase três dias seguidos a chegar ao Malawi." (Homem, 30 anos, de Moatize)

Os funcionários do ACNUR reportaram o afluxo de maiores números de moçambicanos recém-chegados no mês anterior à investigação, em comparação com o que tinham visto nos meses anteriores (cerca de 20 por semana). Os líderes comunitários sugeriram que uma razão possível foi uma situação ocorrida em

¹³Uma das participantes da DGF disse ter-se vindo embora com a sua família porque tem dois familiares albinos que estavam a ser visados por outros indivíduos no local onde viviam.

¹⁴Alguns dos participantes do grupo de foco tinham chegado tão cedo como em Abril de 2015 e tão recentemente como na semana antes da recolha de dados.

Setembro num jogo de futebol em Zobue (uma cidade fronteiriça), em que seis pessoas foram suspeitas de serem soldados da Renamo. Ataram a mãos e pés de todos e assassinaram dois a tiro e quatro com catanas. Um residente da aldeia de Kapise alegou que alguns deslocados se recusaram a mudar para Luwani (Caixa de Texto N.º 2), em parte devido a histórias que circulavam sobre um surto de cólera que houvera. Por isso, a população do campo só começou a aumentar quando lhes foi dito que o campo tinha alojamento adequado e estava livre de cólera.¹⁵

Caixa de Texto N.º 2. A escolha de ficar na aldeia de Kapise

Um residente da aldeia de Kapise (que fazia parte do Campo de Kapise, mas recusou-se a mudar para o Campo de Luwani) indicou que os refugiados que optaram por não se mudar puderam ficar na aldeia de Kapise. Para si, a água não é um problema, mas os alimentos sim. Por isso, faz pequenos trabalhos, como vender esteiras de vime na comunidade, para poder comprar comida. Saiu de Moçambique porque *"quando as forças da Renamo passaram [pelas comunidades], as forças da Frelimo perguntavam aos indivíduos quem tinha passado por lá. E quando não lhes explicávamos, as forças da Frelimo tinham confrontos com os habitantes das aldeias e matavam pessoas."* Continuou dizendo que na zona de onde vem, foram mortas três pessoas... *"as forças da Renamo passaram por lá e a seguir vieram os soldados da Frelimo, que perguntaram a um homem se sabia do seu paradeiro, ao que este respondeu que não. Espancaram-no com cacetetes e o homem morreu."* Os outros dois foram mortos de forma semelhante. Disse que antigamente os simpatizantes da Frelimo entravam no Campo de Kapise, mas desde que os refugiados se mudaram para Luwani, não houve mais sinal deles.

3.2.2. Que tipos de agressão/violência/ameaças, se for o caso, foram levadas a cabo contra pessoas deslocadas ou as suas famílias

3.2.3. Se as pessoas deslocadas ouvirem falar de outros ataques

Esta secção aborda os temas-chave que surgiram quando se discutiu a violência que levou os residentes a fugir: o uso do fogo como arma (para queimar pessoas, casas e/ou armazéns de alimentos), violência e/ou assassinatos com base em quem estava em casa ou na aldeia no momento, tiroteios, familiares desaparecidos, violência e humilhação sexual, e deslocados que não sabem qual o destino dos seus familiares.

"Prenderam o meu cunhado com as mãos atadas aos pés e empurraram-no para dentro de uma casa. Depois, incendiaram a casa e ele morreu." (Mulher, mais de 30 anos, de Moatize)

"O meu avô era um líder da comunidade na nossa aldeia. Foi acusado de abrigar soldados da Renamo em sua casa. Eles chegaram de noite, dispararam contra ele e mataram-no." (Homem, 23 anos, recém-chegado de Moatize)

"Saí de casa porque os soldados da Frelimo andavam a visitar as nossas aldeias à procura de soldados da Renamo e encontravam-nos a nós e aos nossos maridos, espancavam-nos,

¹⁵ Não ficou claro se se tratou de uma referência a um surto de cólera no Malawi nesse período ou a um surto em Luwani na década de 1990.

queimavam as nossas casas e acusavam-nos de apoiar os soldados." (Mulher, mais de 30 anos, de Moatize)

"Além de todas estas outras coisas, havia a tendência de quando a noite caía nos sentirmos seguros em nossa casa, mas quando acordávamos de manhã, descobríamos que várias pessoas tinham sido raptadas, tinham desaparecido das suas casas. E quando desapareciam, nunca mais voltavam, o que significa que tinham sido mortas a tiro, nunca mais voltavam." (Homem, 30 anos, recém-chegado de Moatize)

"A razão por que fugi foi porque o meu sogro foi morto por soldados da Frelimo. Também vi as casas de outras pessoas serem queimadas. O meu marido tinha medo de ser morto nos confrontos. Por isso, fomos à procura de refúgio no Malawi." (Mulher, 30 anos, de Moatize)

"Outro incidente foi o rapto de um grupo de rapazes por soldados Frelimo. Espancaram-nos, meteram-nos num carro, levaram-nos para um rio [o rio Madamba em Moatize] e dispararam sobre eles." (Homem, 24 anos, recém-chegado de Moatize)

Os residentes do campo indicaram que os assassinatos foram o tipo mais prevalente de ataque que experienciaram, seguidos de incêndios, espancamentos e violência sexual (Figura N.º 5). Os participantes do grupo de foco indicaram que os soldados da Frelimo incendiaram casas, muitas vezes com pessoas lá dentro, bem como unidades de armazenamento, para destruir qualquer possibilidade de os residentes alimentarem soldados da Renamo.

Figura N.º 5. Tipos de atrocidades nas aldeias

P: Que acontecimento o(a) forçou a deixar a sua aldeia natal?
(Resposta múltipla, daqueles que experienciaram um ataque pessoal/familiar, %)



Fonte: Sondagem da Freedom House, Outubro de 2016

Algumas famílias foram separadas devido à logística envolvida na fuga de um ataque: *"quando estávamos a fugir, dispersámo-nos e fomos em direcções diferentes. Até hoje não sei onde estão."* (Homem não acompanhado, 18 anos, de Ncondezi). Os dados da investigação indicaram que outras pessoas perderam o contacto quando deixaram as suas casas: 3% dos residentes deixaram a sua aldeia natal com familiares, mas já não sabiam do paradeiro destes (62% não experienciaram esta situação). Uma minoria (6%) perdeu familiares em assassinatos, fome/desidratação ou doença a caminho do Malawi.

As histórias destes dois indivíduos ilustram bem a separação dos familiares: uma jovem mulher do distrito de Angonia em Tete, que chegou em Junho a Luwani, falou de ter voltado ao complexo onde

vivia e de ter descoberto que as sete casas da sua família tinham sido incendiadas. Não sabia qual o destino de muitos dos seus familiares, excepto o de um que foi assassinado e de outro que fugiu consigo. (Caixa de Texto N.º 3). Outro homem, também de Tete, descreveu como foi aleatoriamente visado, raptado, espancado e eventualmente libertado (Caixa de Texto N.º 4).

Caixa de Texto N.º 3. A difícil situação de uma adolescente

"Naquele dia, tinha ido lavar roupa ao rio e, quando voltámos para casa, fiquei surpreendida ao ver que não havia ninguém na aldeia, ninguém no complexo, e que as casas tinham sido incendiadas. Ficámos lá uma noite, porque queríamos perceber para onde os nossos pais tinham ido. Durante este tempo, os soldados da Frelimo apanharam-nos, disseram-me a mim para ir buscar água e ao meu irmão para ir buscar fogo, mas conseguimos fugir. Não abusaram sexualmente de mim, nem me violaram. Quando mandaram o meu irmão buscar fogo e a mim buscar água, nós fomos e... concordámos que devíamos ir à procura de refúgio, que não tínhamos de voltar para lá. O fogo ia servir para incendiar as casas e iam empurrar-nos lá para dentro e queimar-nos vivos. Já nos tinham empurrado para dentro de casa, mas como não tinham fósforos, lembraram-se de dizer 'vão buscar fogo e, como também temos sede, tragam alguma água também.' Antes de termos sido empurrados para dentro casa, um dos soldados disse: 'Hoje é o vosso último dia de vida, vocês vão morrer.'

Depois, quando estava a tentar descobrir onde estavam os meus familiares, tive a sorte de encontrar alguém que me disse que tinham ido numa dada direcção. Fui para Zobue, na fronteira, e depois para uma área que se estende até ao campo, com instruções sobre como chegar aqui. Quando chegámos à imigração, criei uma distração para que a polícia não me conseguisse seguir." Eventualmente, conseguiu chegar a Luwani com o irmão mais novo e reencontrou outro irmão que residia no campo.

Caixa de Texto N.º 4. De um rapto ao campo

"No mês de junho, estava a fazer alguns trabalhos de carpintaria, quando a minha mulher me disse 'Olha, há soldados a vir na nossa direcção.' Quando me apercebi disto, já havia outros soldados a rodear-me, e a prender-me... eles deitaram-me e começaram a chicotear-me. Exigiram que lhes desse indicações sobre onde os soldados da Renamo estavam escondidos. Mas eu não tinha nenhum [conhecimento do seu] paradeiro, só os vi a passar. Eles disseram 'OK, então vem connosco, acompanha-nos e depois soltamos-te' ... Fiquei alguns dias com eles, quase cinco, sem comida nem água, passei os cinco dias numa cela em Zobue... Fui posto num carro com vidro fumados e andei às escuras. Mas quando fui libertado, percebi que estava em Zobue. Éramos sete. Quando fomos libertados, fomos largados longe de casa. Quando fomos libertados, deram-nos algumas bebidas congeladas, duas garrafas cada, como comida. No sítio onde fomos largados, disseram-nos que íamos ser escoltados até à nossa aldeia, até onde nos tinham apanhado. Para minha surpresa, vi que o contingente eram enorme, tão grande que havia um camião cheio de soldados. Disseram que havia tantos deles 'porque depois de vos deixarmos, vamos combater os soldados da Renamo.' As condições da estrada eram tão más que os soldados estavam divididos — alguns queriam seguir para o combate, mas outros não. Como estavam sempre a mudar de ideias, acabaram por deixar-nos ir, porque estavam a tentar encontrar uma alternativa para atravessar o rio e chegar a onde os outros soldados estavam.

Quando voltei para casa, descobri que os meus pais e a minha família, a minha esposa e os meus filhos, já tinham fugido. Como a minha casa tinha sido abandonada, a maioria dos meus pertences, incluindo as minhas ferramentas de carpintaria, foram roubados por pessoas não identificadas. Como não tinha onde ficar, nem nenhuma forma de melhorar a minha vida, decidi deixar aquele sítio e vir para Kapise à procura de refúgio e para receber alguma assistência humanitária. Gostava de vos dizer o que os soldados da Renamo diziam sempre: 'não estamos aqui para combater as pessoas ou para matá-las, mas para lutar pela democracia, é só isso' ... Os soldados da Renamo estiveram entre nós, nas nossas aldeias, durante cerca de três anos, e nunca fizeram nada tão mau. Simplificando, fugimos de casa para procurar refúgio dos soldados da Frelimo, não da Renamo."

Uma grande maioria (82%) dos residentes do campo ouviu falar de confrontos violentos ocorridos a outras pessoas. Entre estes, os assassinatos eram também o tipo mais frequente de ataque. (Figura N.º 6). Entre estas histórias, muitas delas incluíam violência sexual, um tópico discutido em alguns dos grupos de foco. Alguns participantes discutiram táticas de humilhação sexual, ou a forma como soldados da Frelimo forçavam mulheres, e por vezes homens, a despir-se e a participar em actos sexuais. Outros contaram histórias de como as mulheres eram geralmente assassinadas depois de serem violadas. É possível que esta situação também explique por que razão a percentagem de respostas sobre ter ouvido histórias de violência sexual ser superior às respostas sobre experiências pessoais de violência sexual.

"Havia uma mãe que tinha acabado de dar à luz e estava a vir da maternidade. Uns soldados foram ter consigo e com a sua acompanhante e violaram as duas mulheres. A mãe morreu, a outra sobreviveu, mas ficou ferida." (Mulher, ex-líder de comunidade, 53 anos, de Moatize)

"Houve casos de mulheres (e por vezes de homens) que foram despidas por soldados, obrigadas a ficar lado a lado e ordenadas a tocar umas nas outras de forma sexual". (Mulher, 30 anos, de Moatize)

As histórias que circulavam serviram como avisos para os moçambicanos nas aldeias e ajudaram-nos a decidir se deveriam partir para o Malawi:

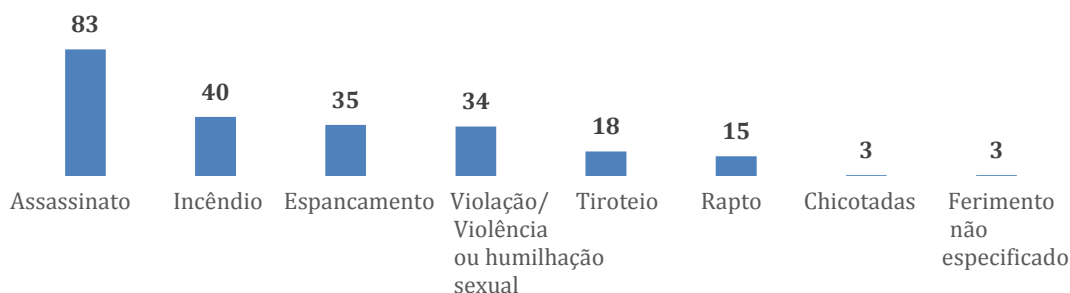
"No outro dia, houve tiros o dia todo. Agora, foi um velho que estava na sua horta e que quando estava a voltar encontrou um grupo de soldados, foi amarrado pelas mãos e queimado depois de lhe terem dado um tiro na cara. Esta situação espalhou o medo entre todos os idosos, jovens e a comunidade no geral. Concordámos em dizer "não". Se há pessoas a serem [agredidas] assim, achámos que devíamos ir para um sítio seguro." (Homem, ex-líder de comunidade, 25 anos, de Moatize)

Quando o pai de um jovem, que era líder da comunidade, foi morto, as restantes pessoas entenderam a gravidade da situação:

"Na aldeia, a morte do pai dele deixou a maioria de nós com medo. Por isso, forçámo-nos a ir embora, porque sabíamos que as próximas vítimas seríamos nós ou os nossos pais." (Rapaz não acompanhado, 17 anos, de Ncondezi)

Figura N.º 6. Tipos de atrocidades nas histórias que circulavam sobre os ataques

P: De que tipo de agressão se tratava? (Resposta múltipla, daqueles que reportaram ter visto/ouvido falar de casos de pessoas fisicamente agredidas ou atacadas em Moçambique antes de partirem, %)



Fonte: Sondagem da Freedom House, Outubro de 2016

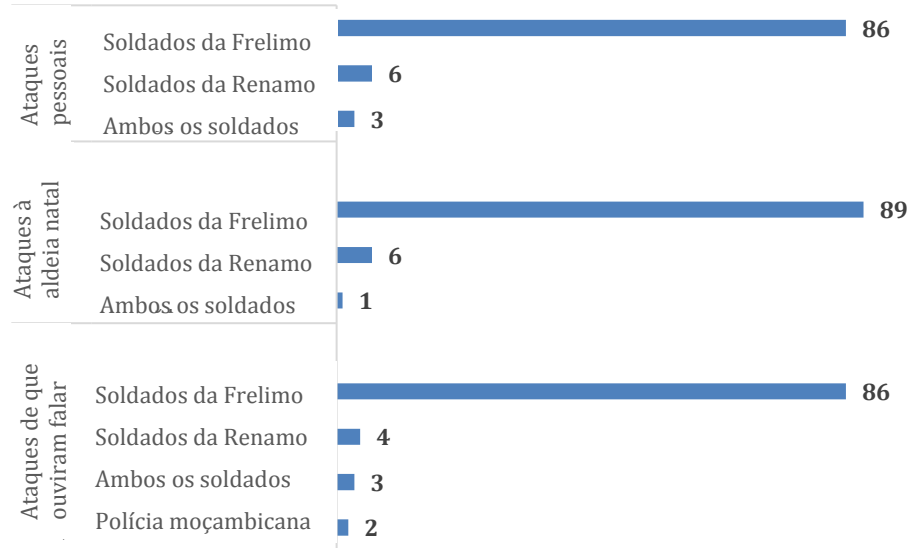
3.2.4. *Se os ataques visados foram levados a cabo por autores específicos contra grupos específicos.*

A maioria acusou os soldados da Frelimo de ataques pessoais, dos ataques de que ouviram falar e dos ataques às suas aldeias natal (Figura N.º 7).¹⁶ Os residentes afirmaram que os soldados eram facilmente identificáveis como pertencendo à Frelimo porque usavam “armas”, “uniformes”, e “vinham com veículos”. Um residente observou “que andavam em grupos de mais ou menos dez. Os soldados da Renamo andavam em grupos de só dois ou três.” (Mulher, 41 anos, de Moatize). E acrescentou: “A Frelimo usava as armas em posição de disparo, as armas da Renamo estavam viradas para baixo.” Geralmente, os residentes do campo viam os soldados da Renamo vestidos à civil.

¹⁶ Estes dados ilustram as percentagens dos diferentes tipos de ataques (ataques pessoais, N=427; ataques à aldeia natal, N=414; ataques de que ouviram falar, N=970).

Figura N.º 7. Autores dos ataques

P: Quem considera que era(m) o(s) autor(es) do ataque que discutiu? (%)



Fonte: Sondagem da Freedom House, Outubro de 2016

Na generalidade, os residentes atribuíram os ataques a uma de duas razões: os soldados da Frelimo tinham perdido um combate naquele dia contra as forças da Renamo e queriam recuperar algum poder visando aldeões desarmados, ou os soldados suspeitavam de que os aldeões estavam a abrigar soldados da Renamo devido à sua proximidade das bases da Renamo:

"Acho que fazem isto por fúria, porque quando os soldados da Frelimo atacam, na maioria dos casos é a Frelimo que morre e os sobreviventes ficam tão furiosos que se vingam nas pessoas inocentes das aldeias." (Rapaz não acompanhado, 17 anos, de Ncondezi)

"Os sobreviventes [soldados sobreviventes da Frelimo] ficavam furiosos e descontavam nos aldeões queimando as suas casas ou matando aqueles que encontravam vivos." (Mulher, 21 anos, de Moatize)

"Quando combatiam, depois do combate, a maior parte das vezes eram os soldados da Frelimo que perdiam. Por isso, quando voltavam, matavam, incendiavam casas dizendo que estavam a abrigar soldados da Renamo lá dentro." (Homem, ex-líder da comunidade, 55 anos, de Moatize)

"Os soldados da Frelimo suspeitavam sempre de quem conheciam e limitavam-se a levar a pessoa como refém, sem discussões". (Mulher, 32 anos, de Moatize)

Alguns atribuíram os ataques a soldados da Frelimo que visavam simpatizantes da Renamo:

"Um dos meus irmãos é um forte apoiante da Renamo... Os soldados da Frelimo vieram um dia à procura dele, porque queriam acusá-lo. Como as pessoas nos alertaram, refugiámo-nos no mato."

Quando estávamos a voltar, apareceu um grupo maior de soldados que ateou fogo às nossas casas e aos nossos armazéns de comida." (Mulher, 21 anos, de Moatize)

"Continuo a achar que estes soldados da Frelimo estão a fazer isto não só porque estão irritados com os aldeões, mas porque os aldeões são pacíficos. Os aldeões não fazem nada contra estes soldados. Eles fazem isto porque acham que aqueles que apoiam a oposição não devem existir. Por isso, fazem o que podem para impedir o apoio ao partido de oposição." (Homem, 30 anos, recém-chegado de Moatize)

Outros indicaram que o derramamento de sangue se alargou às comunidades mais afastadas porque "os soldados da Frelimo não conseguiram identificar quem era soldado da Renamo, por isso, todas as pessoas a que tinham acesso eram um alvo..." (Homem, ex-líder de comunidade, 30 anos, de Moatize). O medo que os residentes tinham dos soldados da Frelimo contrasta com o respeito que demonstraram ter pelos soldados da Renamo, que provavelmente só alimentava a raiva exibida pelos soldados da Frelimo:

"Os soldados da Renamo avisavam-nos ou alertavam-nos de que algo mau podia vir a acontecer, para nos pormos em segurança. Têm no coração a segurança das nossas vidas." (Homem, 27 anos, recém-chegado de Moatize)

Os soldados da Renamo pedem "às pessoas para lhes darem galinhas e farinha e depois dizem-lhes que dali a algumas horas vai haver confrontos, dizem-lhes para se irem abrigar, para abandonarem as suas casas naquele momento." (Homem não acompanhado, 18 anos, de Ncondezi)

"Os soldados da Renamo nunca fizeram nada. Se estivessem a fazer coisas negativas, não podíamos ter ficado lá [na área geográfica] como fizemos." (Mulher, 41 anos, de Moatize)

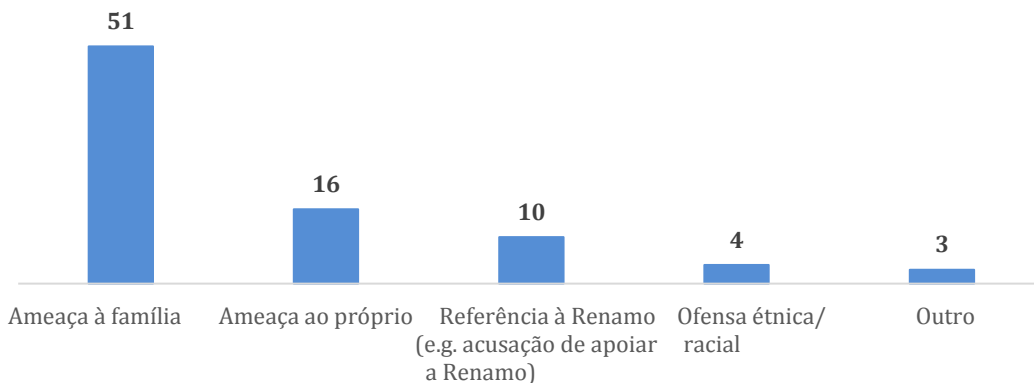
"Quando o grupo de soldados da Renamo podia ser visto nas aldeias, a maioria das pessoas não tinha medo, nós não tínhamos medo. Muitas vezes, eram estes soldados que nos aconselhavam a procurar refúgio, porque eram os soldados da Frelimo que estavam a chegar para atacar o resto dos aldeões." (Homem, ex-líder de comunidade, 30 anos, de Moatize)

Foi perguntado aos entrevistados que reportaram que a sua aldeia foi atacada se os autores dos ataques pareciam estar a visar grupos ou tipos de pessoas durante os mesmos. **Quatro em 10 (44%) disseram que visavam apoiantes da Renamo, aproximadamente o mesmo número (43%) disse que não visavam ninguém em particular, e 10% afirmaram que visavam apoiantes da Frelimo.**

Foi perguntado aos residentes do campo que tinham experienciado ataques pessoais se lhes foi dito algo durante o ataque e a maioria indicou que os autores fizeram uso de ameaças verbais contra eles. (Figura N.º 8)

Figura N.º 8. Retórica prevalente durante os ataques

P: Quem o(a) atacou ou fez mal a si ou aos seus familiares disse algo durante o ataque? (Resposta múltipla, daqueles que experienciaram um ataque, % de quem disse sim para cada tipo)



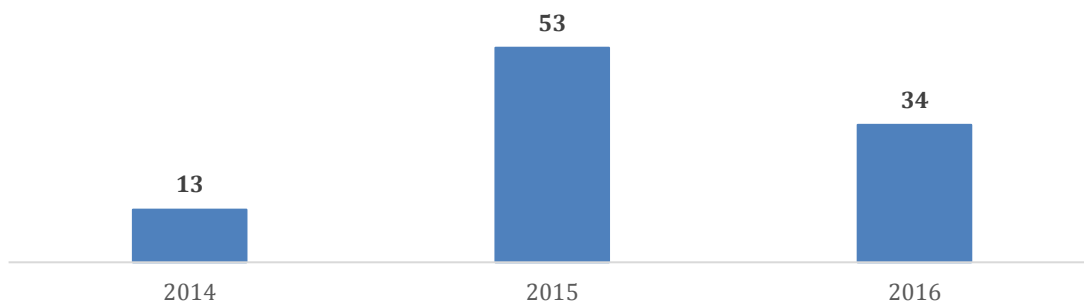
Fonte: Sondagem da Freedom House, Outubro de 2016

3.2.5. Datas dos incidentes

Os dados indicam que os ataques começaram logo no início de 2014, com cerca de metade a ocorrer durante 2015 (Figura N.º 9).¹⁷ Também foram reportados ataques tão recentes como no mês anterior à investigação.

Figura N.º 9. Altura dos ataques experienciados

(Daqueles que sofreram ataques pessoais ou de familiares, %)



Fonte: Sondagem da Freedom House, Outubro de 2016

¹⁷Apesar de o número de entrevistados que foram atacados ser 250, o número de ataques realizados contra eles foi 427. Esta figura representa as percentagens dos 427 ataques.

3.2.6. Pontos de vista sobre o campo, o deslocamento e o potencial de regresso a Moçambique.

Os residentes apresentaram diferentes pontos de vista do Campo de Luwani: **uma queixa recorrente nos grupos de foco foi a percepção de falta de alimentos adequados, em relação aos alimentos que recebem** (ver Tabela N.º 2 em anexo para uma visão geral dos bens alimentares distribuídos). **Outros indicaram o seu apreço pela comida, água e segurança, mas lamentaram a falta de emprego e geração de rendimentos** no campo e no mercado nas proximidades.¹⁸ Alguns residentes que foram transferidos do Campo de Kapise para o Campo de Luwani na mudança de Março compararam os dois:

"Kapise era muito melhor, especialmente no que diz respeito à comida. As rações eram regulares, quando a comida acabava podíamos ir até à aldeia fazer pequenos trabalhos que nos sustentavam o resto do mês. Aqui, quando a comida acaba, há problemas." (Mulher, 21 anos, de Moatize)

"Vemos melhorias nas condições de vida em relação a Kapise, aqui o alojamento é melhor. Por vezes, há pouca comida, mas pelo menos podemos comer. Mas vou estar pronta para voltar quando houver uma declaração de paz no meu país, porque é lá que é o nosso lugar." (Mulher, 30 anos, de Moatize)

Na generalidade, a maioria dos residentes do campo (95%) indicou que se sente mais seguro em Luwani do que se sentia em Moçambique (5% indicaram que não é o caso). Expressaram opiniões mistas sobre se há informadores da Frelimo infiltrados no campo, tal como se alegava que tinha acontecido em Kapise.¹⁹ Alguns disseram não acreditar que haja informadores, ao passo que, para outros, o cepticismo adveio de verem alguns moçambicanos irem e voltarem das suas aldeias natal sem terem sofrido repercussões:

"Achamos que há alguns espões no campo, porque há aqui algumas pessoas que deixam o campo para voltar a Moçambique. E, surpreendentemente, apesar de as suas casas ficarem perto da base da Frelimo, eles vão lá, sobrevivem e conseguem voltar. Quando outras pessoas tentam fazer o mesmo, são mortas pelos soldados da Frelimo. Por isso, suspeitamos de que sejam espões." (Homem, ex-líder de comunidade, 30 anos, de Moatize)

A maioria dos actuais residentes do campo (92%) não regressou a Moçambique desde que deixou o país (8% regressaram pelo menos uma vez). Alguns residentes indicaram que só voltariam a Moçambique quando houvesse uma declaração oficial de paz e se sentissem seguros. *"Se for assinado um acordo, eu vou [retorno], caso contrário. não confio naquelas pessoas que lá estão."* (Homem não acompanhado, 18 anos, de Ncondezi)

"Só podemos pensar em voltar se ouvirmos dizer que não há soldados no mato. Não basta dizer que há paz, só vale quando os soldados tiverem saído do mato." (Mulher, 30 anos, de Moatize)

¹⁸Não há transportes públicos para ir/voltar de Luwani, o que faz com que trabalhar num mercado maior ao longo da estrada pavimentada não seja viável. A distância de Luwani à estrada pavimentada é de 16 km. A partir daí, demora-se no mínimo 30 minutos de autocarro até um mercado maior. Quando lhes foi perguntado que serviços são disponibilizados no campo, há menos residentes a reportar "projectos de geração de rendimentos" e "apoio psicológico" do que a reportar comida, abrigo, água ou cuidados de saúde, por uma taxa de cerca de 1:2.

¹⁹Existe uma unidade de polícia no campo, à qual os residentes e funcionários podem transmitir suspeitas de espões ou informadores.

Apenas dois em 10 (21%) disseram que regressariam hoje a Moçambique se lhes pedissem (79% disseram que não), mas estes números mudaram quando perguntámos aos residentes se desejam regressar no futuro (71% responderam "Sim", 29% responderam "Não"). Parte deste desejo de regressar decorre da impotência que advém de sobreviver de ajuda humanitária:



Foto 5. Marcador da fronteira entre Moçambique e o Malawi, perto Kapise, Outubro de 2016.

"No meu caso, a única coisa que posso dizer é que estou morto por voltar para casa porque é onde pertença. A forma como ganho a vida é através da agricultura, por isso não dependo de esmolas. Nós estamos a viver aqui, mas estamos totalmente dependentes de esmolas, o que não é a nossa tradição. Gostávamos de voltar para casa quando a situação normalizar." (Homem, 27 anos, recém-chegado de Moatize)

"Queremos muito voltar para casa, porque aqui a vida é um desafio. Dependemos de esmolas – alimentos, roupa, este não é o tipo de vida que gostávamos de viver, gostávamos de voltar, temos a cana de açúcar, batata doce, podíamos beber, éramos produtores." (Mulher, 53 anos, ex-líder de comunidade de Moatize)

4. Resumo das conclusões

Os dados indicam que os residentes no Campo de Luwani, muitos dos quais são oriundos da província de Tete, deixaram Moçambique por terem sido directamente visados por violência indiscriminada por parte de soldados da Frelimo. Este relatório pode, no máximo, subestimar a extensão da violência ocorrida em Tete, dado que o projecto se focou exclusivamente em moçambicanos que sobreviveram a ataques e escaparam para o Malawi. Não inclui aqueles que podem ter sido vítimas de violência e que não conseguiram escapar, nem inclui os refugiados que se recusaram a mudar de Kapise para Luwani. Embora a comunicação social tenha estimado que os 10 000 residentes de Kapise seriam transferidos para Luwani, a realidade é que muitos escolheram não o fazer. Não havia mais de 2500 residentes no Campo de Luwani em Outubro de 2016, mas este número já aumentou desde então.²⁰

Os residentes do Campo de Luwani fugiram de Moçambique por razões "políticas" e especificamente por três tipos de eventos/sentimentos: ataques pessoais/familiares, ataques à sua aldeia natal ou medo de ataques com base no que haviam ouvido. Os residentes revelaram ter deixado Moçambique em períodos diferentes, com os ataques mais antigos a terem ocorrido em 2014 e os mais recentes no período anterior à recolha de dados. Cerca de metade dos ataques ocorreu em 2015. A maioria indicou que o tipo dominante de violência neste tipo de acontecimentos eram os assassinatos. Os outros tipos de violência consistiam em incêndios, espancamentos, violência sexual, raptos, separação familiar e tiroteios.

A maioria também indicou que os autores dos três tipos de ataques eram soldados da Frelimo. As respostas à pergunta sobre se os autores dos ataques visavam todos os tipos de moçambicanos nas aldeias ou especificamente adeptos ou simpatizantes da Renamo foram mistas. Os residentes reconheceram sentir-se mais seguros no Campo de Luwani, mas o acesso a alimentos e a emprego continua a ser um desafio. A maioria indicou ter vontade de regressar a Moçambique, mas somente após a assinatura de um acordo de paz formal entre a Frelimo e a Renamo.

Para que os refugiados possam voltar em segurança, os autores dos ataques devem ser chamados a prestar contas pelas violações de direitos humanos aqui enumeradas e deve continuar a promover-se um acordo de paz formal. Em meados de 2016, a Frelimo e a Renamo concordaram em incluir facilitadores internacionais num diálogo para tentar acabar com os confrontos em curso no país. No entanto, tem sido extremamente difícil sentar ambas as partes à mesa de negociações para assinar um cessar-fogo definitivo. Em Agosto, na presença de observadores internacionais, a Frelimo concordou com um acordo de partilha de poder regional com a Renamo, que, em teoria, prepararia o caminho para legislação que descentralizasse o poder antes das eleições de 2019. No entanto, até ao momento, ainda não houve um cessar-fogo oficial entre as partes.²¹

²⁰Os dados do ACNUR confirmam que o número de refugiados moçambicanos no Campo de Luwani está a aumentar. Em 14 de Dezembro de 2016, o número reportado de refugiados moçambicanos em Luwani era 2864, um número superior aos cerca de 2351 registados aquando da investigação da Freedom House em Outubro de 2016. Consulte o portal web operacional do ACNUR, "Situação de Moçambique", em <http://data2.unhcr.org/en/situations/mozambique>.

²¹A comunicação social destaca dificuldades como as que se seguem: os repetidos apelos a que Dhlakama participe em discussões cara a cara têm sido rejeitados, por medo de este vir a ser assassinado; recentemente, os líderes de topo da Renamo têm vindo a ser abertamente assassinados; as forças da Renamo invadiram e atacaram postos administrativos, esquadras de polícia, centros de saúde e cidadãos; os líderes da Frelimo não querem que a Renamo controle as seis províncias sob contestação. Consultar *Negotiations between Frelimo and Renamo suspended as Mozambique war escalates*, 1 de Agosto de 2016, disponível em <http://www.ibtimes.co.uk/negotiations-between-frelimo-renamo-suspended-mozambique-war-escalates-1573691>.

Anexo de tabelas

Tabela N.º 2. Tipos de ataques pessoais/a familiares nos principais distritos de Tete

| | | Distrito de Tete | | | | | Total N=399** | % Total** |
|--------------------------------------|---------------------------------|--------------------|--------------------|-------------------|-----------------|---------------------|------------------|-----------|
| | | Moatize (N=199) | Tsangano (N=79) | Angonia (N=17) | Zumbo (N=17) | Não sabe (N=80)* | | |
| Tipo de ataque agregado | Experienciou este ataque | % | | | | | | |
| Tipos de ataques fatais | Sim | 79 | 73 | 71 | 82 | 90 | N=317 | 79 |
| | Não | 21 | 27 | 29 | 18 | 10 | N=82 | 21 |
| Violência sexual | Sim | 32 | 28 | 59 | 47 | 35 | N=133 | 33 |
| | Não | 68 | 72 | 41 | 53 | 65 | N=266 | 67 |
| Tipos de ataques não fatais | Sim | 57 | 61 | 59 | 65 | 49 | N=226 | 57 |
| | Não | 43 | 39 | 41 | 35 | 51 | N=173 | 43 |
| Ataques com incêndio incluído | Sim | 46 | 43 | 35 | 71 | 55 | N=191 | 48 |
| | Não | 54 | 57 | 65 | 29 | 45 | N=208 | 52 |

**O(A) entrevistado(a) indicou NS sobre o distrito de que vem.*
***Um pequeno número de entrevistados vinha de outros bairros, mas os números eram demasiado baixos para incluir aqui. Este número e percentagem incluem os números mais baixos de outros distritos.*
Fonte: Sondagem da Freedom House, Outubro de 2016

Tabela N.º 3. Visão geral dos bens alimentares distribuídos no Campo de Luwani²²

| Item | Quantidade por mês |
|-------------|-----------------------------------------------------------------|
| Milho | 13,5 kg/indivíduo |
| Feijão | 3 kg para menores de dois anos/1,5 kg para maiores de dois anos |
| CCB+ (papa) | 3 kg para menores de dois anos/1,5 kg para maiores de dois anos |
| Óleo | 0,75 kg |

Caso tenha interesse em consultar os questionários, entre em contacto com a Freedom House em info@freedomhouse.org com o assunto: "Southern Africa - Malawi questionnaires" ou, em português, "África Austral - Questionários do Malawi".

Initial agreement reached in Mozambique peace talks, 18 de Agosto de 2016, disponível em <http://clubofmozambique.com/news/initial-agreement-reached-mozambique-peace-talks/>.

²² Esta informação provém da EIC ao funcionário do ACNUR.



A Freedom House é uma organização apartidária e sem fins lucrativos que apoia a mudança democrática, monitoriza a liberdade e defende a democracia e os direitos humanos.

1850 M Street NW, 11th Floor
Washington, DC 20036

120 Wall Street, 26th Floor
New York, NY 10005

www.freedomhouse.org
facebook.com/FreedomHouseDC
[@FreedomHouseDC](https://twitter.com/FreedomHouseDC)

202.296.5101 | info@freedomhouse.org